

AULAS DE PORTUGUÊS COM ESTILO

Vito Manzollilo (UFRJ/CiFEFiL)

POSSENTI, Sírio. *Mal comportadas línguas*. Curitiba: Criar Edições, 2000, 125 p.

Qualquer um que se dedique à leitura dos principais jornais do país certamente já teve oportunidade de verificar que, em todos eles, é possível encontrar uma coluna semanal, dedicada a análises e a comentários de fatos relativos à língua portuguesa. Assinadas, invariavelmente, por professores, jornalistas ou escritores, o enfoque é sempre prescritivo, sendo objetivo dos autores ajudar o cidadão comum a falar e a escrever melhor, isto é, de acordo com a norma culta da língua.

Na verdade, “aulas de português” ministradas por meio da imprensa escrita não constituem novidade para os brasileiros, já que essas colunas atuais nada mais são do que uma nova versão dos chamados “consultórios gramaticais”, comuns na primeira metade do século passado, nos quais estudiosos como Mário Barreto e Cândido de Figueiredo esclareciam dúvidas dos leitores relacionadas aos mais variados tópicos lingüísticos.

De modo geral, todos já sabem que o espaço ocupado pela norma culta na sociedade brasileira atualmente é, devido a fatores igualmente conhecidos, muito grande. No entanto, a língua, na condição de fenômeno social, cultural e histórico, também vem sendo estudada sob outras perspectivas. As crônicas que compõem o livro *Mal comportadas línguas* (título de uma das crônicas), de autoria do Professor Sírio Possenti, do Departamento de Lingüística da UNICAMP, são exemplo disso.

Abarcam variados itens lingüísticos, tratados, como é de se esperar de um lingüista, sem preocupações normativas. Inicialmente publicados no *Jornal de Jundiaí*, os textos, agora reunidos em livro, poderão despertar o interesse não apenas dos estudantes e profissionais da área de Letras, mas também do público em geral, que desfrutará de crônicas leves, criativas e escritas com inteligência, perspicácia e sagacidade.

Numa delas, o Professor Possenti explicita a diferença de ponto de vista existente entre os textos que produz e os escritos pelos autores dos grandes jornais:

Faço força para cumprir minhas promessas, mas às vezes não consigo. Tinha me prometido não falar mais das bobagens que se lêem nas colunas do Prof.

Pasquale.¹ Poderia parecer implicância. Mas juro que não é questão pessoal. Tanto não é, tanto é apenas diferença de doutrina, que comento aqui o mesmo assunto de que tratei no texto anterior, uma avaliação de Josué Machado sobre um caso de acentuação. Ambos (não) pensam da mesma maneira (“Escrever a fala ou ler a escrita?”, p. 15).

Em outra, utiliza um editorial de jornal paulista para tecer comentários acerca do sistema pronominal português:

Estou dando toda esta volta para preparar um pequeno comentário sobre um fato que anotei lendo “O Estado de São Paulo”. Trata-se de um jornal conservador não só na política, mas também, talvez principalmente, na linguagem. Pois foi exatamente no editorial do dia 11/03/2000 que, comentando o comportamento dos juro americanos e a política recente da OPEP, ambos com reflexos no nosso bolso, o vetusto jornal escreveu que “o aquecimento excessivo da economia americana faz ele perder o sono com ameaça de inflação” (ele, no caso, é Alan Greenspan).

Pois é. Apesar da escola, apesar do conservadorismo do jornal, apesar do manual de estilo, apesar da rigorosa supervisão de Eduardo Martins, aí está o “faz ELE perder”.

Claro que a construção não é estranha. É provável que muitos sequer percebam que “deveria” ser estranha. Mas a escola diz que é. As gramáticas dizem que é. O Manual do Estadão deve dizer que é. Que o correto seria “fá-lo perder o sono”. Alguns acharão até feio, pensarão que há um cacófato. Talvez tenham razão.

A moral é que “ele” tem cada vez mais cara de objeto. As formas oblíquas estão desaparecendo. Até no Estadão. Melhor: sem que ele saiba (“Sem estrondo”, p. 28-9).

Ao longo do livro, não só questões de linguagem são discutidas. Assuntos do cotidiano também encontram espaço. Em “Do riso ao trote” (p.117), por exemplo, temas como violência em instituições de ensino e piadas preconceituosas e/ou racistas são abordados, o que pode fazer aumentar o grupo de leitores potenciais da obra.

¹ Pasquale Cipro Neto, conhecido professor de Língua Portuguesa, autor da coluna “Ao pé da letra”, publicada em *O Globo*. Escreve também em outros jornais do país e apresenta ainda o programa “Nossa língua portuguesa” (TV Cultura).